

A INTIMIDADE PALACIANA NO SÉCULO XVII

OBJECTOS PROVENIENTES DE UM ESGOTO DO PAÇO DOS LOBOS DA GAMA (ÉVORA)¹

GONÇALO LOPES Técnico de Arqueologia. g.simoeslopes@gmail.com
CONCEIÇÃO ROQUE Arqueóloga. mcvroque@hotmail.com

RESUMO O actual Paço dos Lobos da Gama foi construído nos inícios do século XVII, junto ao mosteiro de Santa Clara, para albergar a família que lhe deu o nome, estabelecida em Évora na centúria anterior.

Em 2008, em virtude das obras de recuperação e adaptação do antigo Paço dos Lobos da Gama a um condomínio, toda a zona a construir teve de ser escavada em área, revelando um potencial arqueológico anteriormente insuspeito por se tratar de um sítio bastante marginal à Cerca Velha.

As escavações do espaço que terá sido outrora o jardim, revelaram numerosas estruturas de várias épocas, que cobrem uma diacronia do Baixo-império até à época contemporânea.

No lado nordeste do Paço, surgiu uma conduta de esgoto, que serviria para recolher as águas residuais do imóvel e na qual foram exumados centenas de fragmentos de vidro, cerâmicas modeladas e peças de toucador.

Os conjuntos vítreo e cerâmico, são muito expressivos para a época moderna e de grande importância para perceber a composição material do quotidiano privado de uma casa nobre deste período.

PALAVRAS-CHAVE Évora, palácio, esgoto, objectos do quotidiano

1. NOTA INTRODUTÓRIA

Em 2008, em virtude das obras de recuperação e adaptação do antigo Paço dos Lobos da Gama a condomínio privado, toda a zona a construir teve de ser escavada em área, revelando um conjunto de estruturas e contextos que vão dos séculos I – II d.C. ao final da época moderna. Nos inícios do século XVII a família Lobo da Gama, estabelecida em Évora na segunda metade do século XVI, faz construir a sua residência num espaço ao lado do mosteiro de Santa Clara, onde se ligava por um arco e passadiço lançado sobre a travessa que separa ambos os imóveis. O palácio, de razoáveis dimensões, era dotado de várias câmaras, escadaria principal, capela e logradouro que serviria à época como horto de recreio.

A escavação decorreu em três fases que se sucederam à medida que a obra foi progredindo, resultando daqui a subdivisão do espaço intervencionado em três sectores distintos mas todos contíguos.

Numa primeira fase, os trabalhos foram dirigidos por Susana Dias, sendo escavados os sectores 1 e 2, seguidos pela intervenção dos sectores 3 a 5, da responsabi-

lidade de Gerardo Vidal Gonçalves, sendo os trabalhos do sector 6 dirigidos por Conceição Roque. Os materiais em apreciação provêm de uma conduta de esgoto descoberta aquando da escavação deste último sector. Esta conduta de esgoto, segmentada por revolvimentos contemporâneos, estava preenchida por areão grosseiro, muito lavado, impregnado de fosfatos e embalava uma grande quantidade de fragmentos de



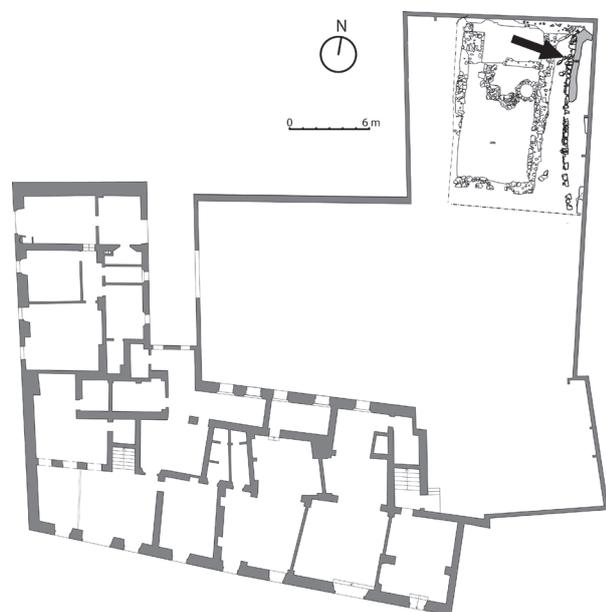
1. Localização geográfica da cidade de Évora e implantação do Paço dos Lobos da Gama na malha urbana.

1. Os autores assumem a inteira responsabilidade por não seguir as normas do acordo ortográfico de 16 de Dezembro de 1990.

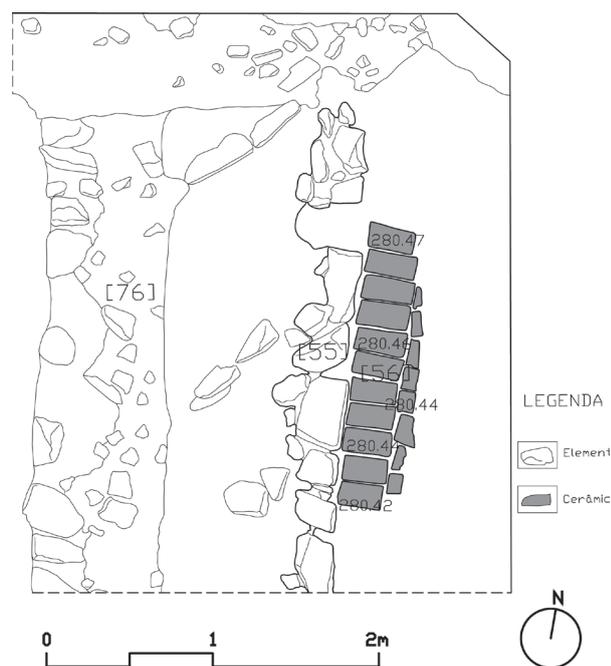
vidro, faiança, cerâmicas modeladas e alguns objectos particulares ou de uso pessoal.

A conduta, a que se atribuiu a U.E. 56, estava construída com tijoleiras que estruturavam o fundo. As paredes e a cobertura haviam-se perdido aquando da regularização do piso (em cimento) do logradouro para a construção de um campo de jogos, que funcionou até alguns anos antes da intervenção. Os 2 m conservados da estrutura foram registados no canto noroeste do espaço.

A cobrir a [56] estava o sedimento atrás referido, a que se atribuiu a U.E. 43, distribuído numa mancha ablonga que seguia o anterior traçado da conduta passando, no entanto, muito além da parte conservada da estrutura.



2. Planta do Paço dos Lobos da Gama com a [43] assinalada no canto nordeste.



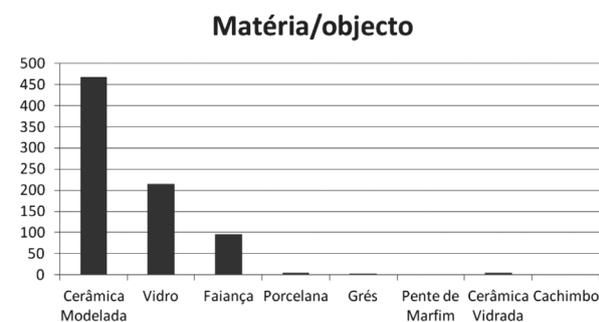
3. [56] constituída pelo fundo da conduta de esgoto, estruturada com tijoleiras.

2. MATERIAIS

Os materiais exumados nesta unidade estratigráfica [43] estavam na sua grande maioria fragmentados, não sendo possível obter formas ou perfis completos o que leva a concluir que boa parte terá sido atirada para dentro da conduta, já fragmentada.

No entanto, percebe-se que se trata de pequenos objectos de toucador e/ou botica, recipientes para conter doces e preparados farmacêuticos e ligados à higiene pessoal.

Foram contabilizados 801 fragmentos, os quais resultam da recolha total dos materiais obtidos neste contexto. O grupo mais representativo é constituído por fragmentos de cerâmica modelada, que excede a metade do universo em apreciação. Seguem-se os vidros e os fragmentos de faiança, sendo os outros grupos estatisticamente pouco representativos, embora com grande significado contextual.

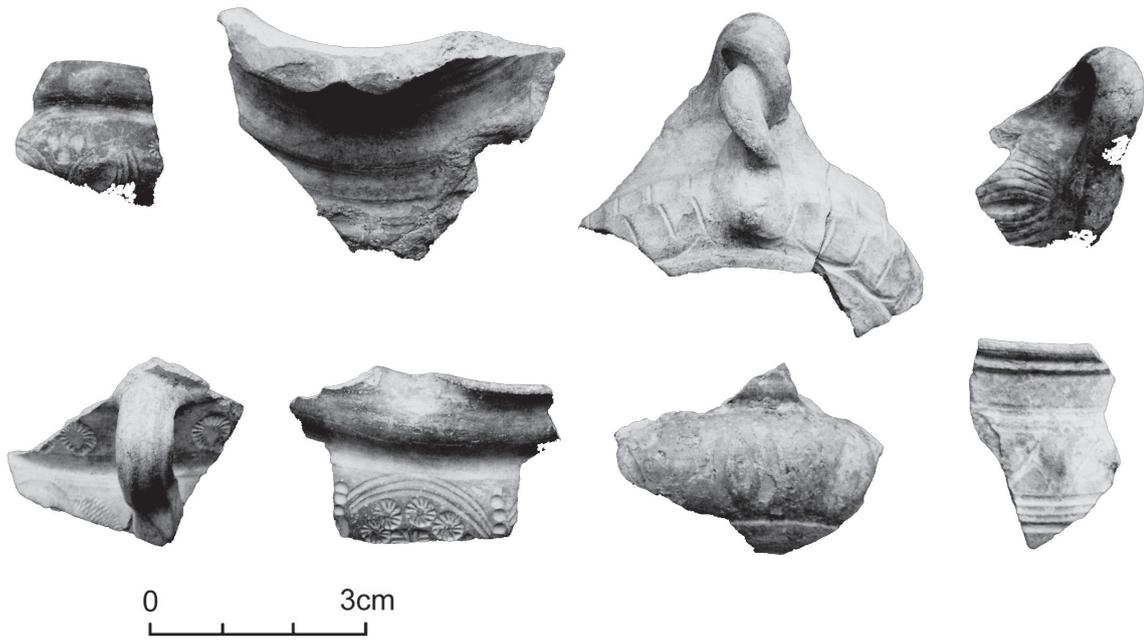


4. Gráfico de distribuição dos materiais da [43] do Paço dos Lobos da Gama.

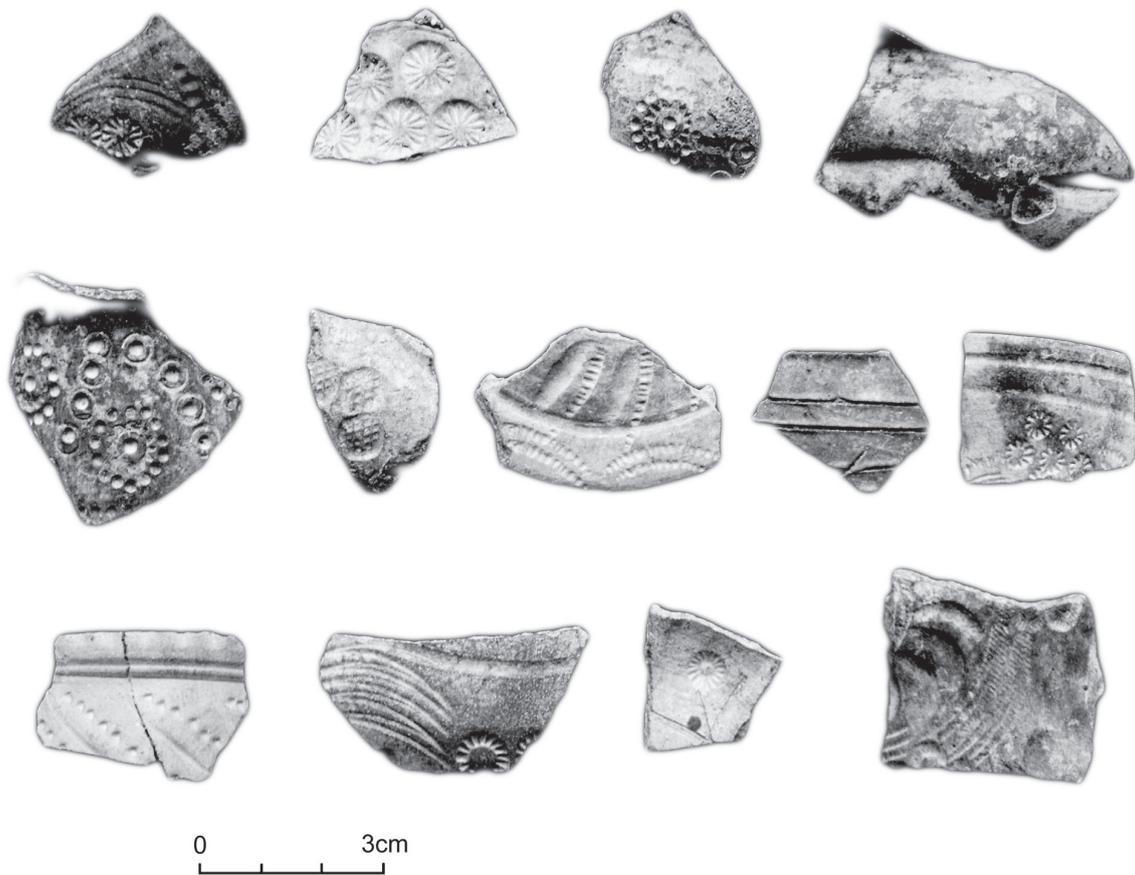
2.1 Cerâmica modelada

Este grupo, ao qual se convencionou chamar “cerâmica modelada”, caracteriza-se pela predominância de formas abertas, com decoração exuberante, muitas vezes apelidada de “barroca”. Curiosamente, o estudo mais completo sobre este tipo de cerâmica também incide sobre um contexto de esgoto, do mosteiro de Santa Clara de Moura (Rego e Macias, 1993).

O seu espectro cronológico parece ir dos finais do século XVI até ao final do terceiro quartel do século XVIII. Não foi identificado nenhum centro produtor específico, embora seja sugerida a região de Lisboa, atendendo às características da pasta, geralmente alaranjada, pouco grosseira e, por vezes, com alguns grãos de quartzo rolado, típicos dos barreiros do vale do Tejo. Não apresentam nenhum tipo específico de tratamento das superfícies, exceptuando a própria decoração e modulação dos volumes.



5. Principais formas da cerâmica modelada (taças).



6. Exemplos de motivos e técnicas decorativas da cerâmica modelada.

Estas características estão presentes nos objectos do Paço dos Lobos da Gama, embora o aspecto exterior tenha mudado de laranja para castanho-escuro devido à exposição prolongada à acidez e aos fosfatos provenientes dos dejectos.

Dos 468 fragmentos exumados 247 são passíveis de identificação segura. Verifica-se que a esmagadora maioria (224) são peças de perfil aberto (taças), o que é compatível com as representações iconográficas da época, que as mostram quase sempre como recipientes de embalar doces.

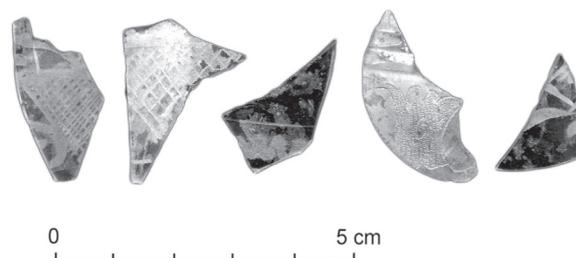
As peças restantes são fragmentos de jarrinhos, pequenas garrafas ou potes de perfil ligeiramente aberto, que poderiam conter conservas ou fármacos.

A decoração destes objectos é bastante cuidada, dada a fragilidade dos mesmos e cobre todo o espaço disponível, sendo o reportório muito diversificado: bordos e bases moldurados, estampilhas, ônfalos e incisões, asas torsas, etc.

2.2 Vidros

Este é o segundo grupo mais representativo, contando com 216 fragmentos, dos quais são identificáveis 78, repartidos entre frascos, garrafas, taças, etc.

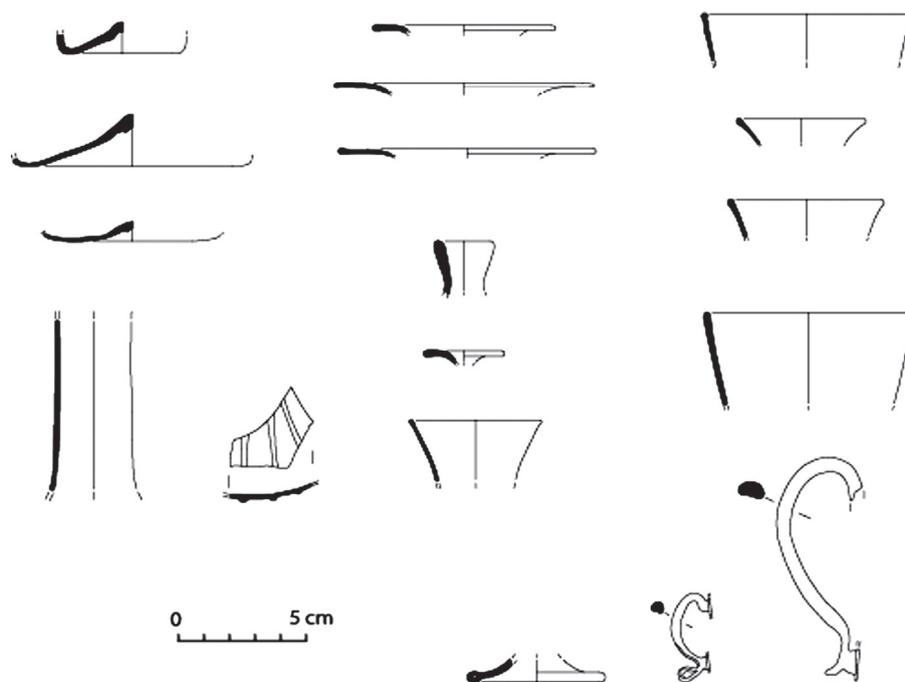
Mais uma vez há a predominância de peças de perfil fechado relacionados certamente com um uso medicinal, embora seja de registar vasilhame destinado ao consumo de bebidas: cálices e copos.



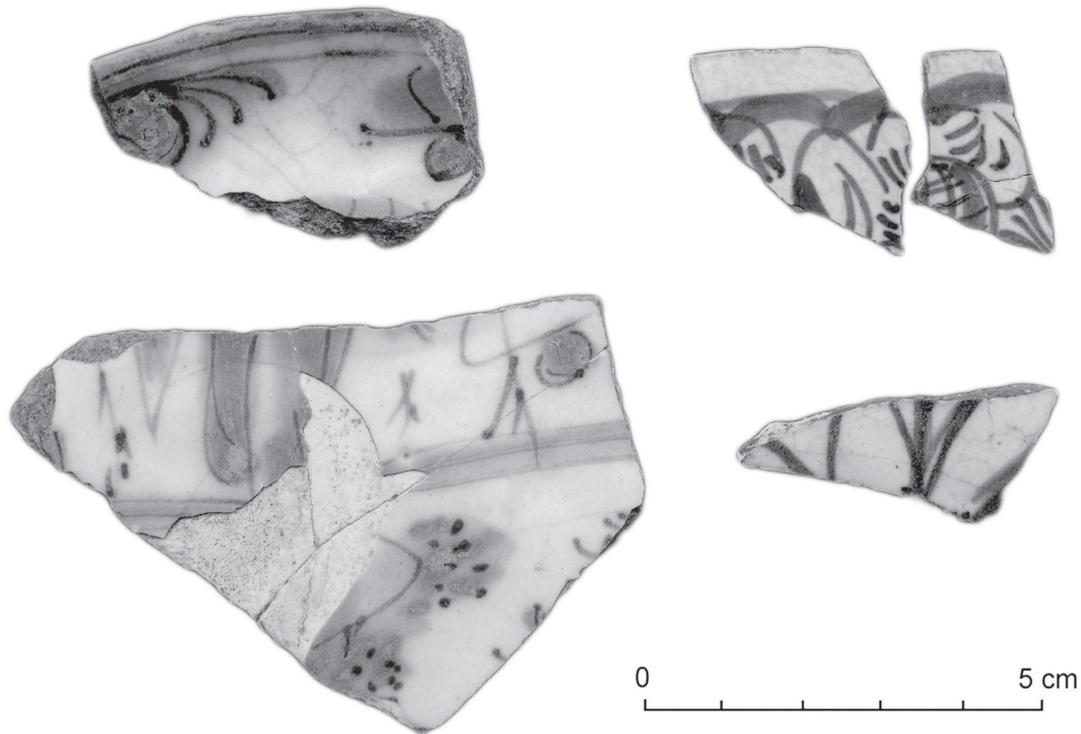
8. Fragmentos de vidro incolor gravado.

O vidro é, na sua esmagadora maioria, de cor verde seguido do incolor. É importante referir que grande parte do vidro identificado como “incolor”, apresenta uma ténue coloração verde, resultando de uma inábil imitação local do chamado vidro à “*façon de venise*”, começado a produzir no princípio do século XVI nas ilhas venezianas. Este efeito era obtido com uma leve impregnação de manganês (o chamado “sabão de videiro”) na pasta vítrea para eliminar os resíduos de óxido de ferro que davam a tonalidade esverdeada ao produto final. Esta variedade de vidro foi levada poucas décadas depois para vários pontos da Europa por mestres vidreiros emigrados da Itália.

Com efeito, foram descobertos alguns fragmentos de cálices fabricados à “*façon de venise*”, no Paço dos



7. Formas mais representativas de recipientes de vidro encontrados na escavação, com predominância de de taças e frascos/garrafas.



9. Faiança portuguesa. A azul e vinoso, peças de meados do século XVII. Os fragmentos de pintura azul datam do 1º quartel do século XVII.

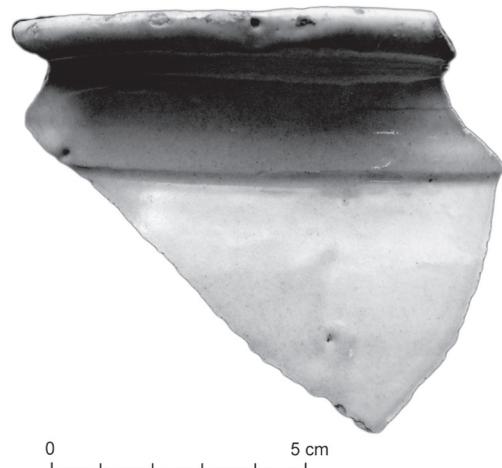
Lobos da Gama, tendo um decoração gravada, de provável importação.

Apareceram ainda escassos fragmentos de vidro azul, dos quais dois anéis e duas contas de vidro branco opaco (*lattimo*), pertencentes provavelmente a um rosário. É de referir que alguns fragmentos de vidro verde intenso poderão pertencer a garrafas de vinho, de corpo globular, designadas de "onion bottles", fabricadas um pouco por toda a Europa do Norte.

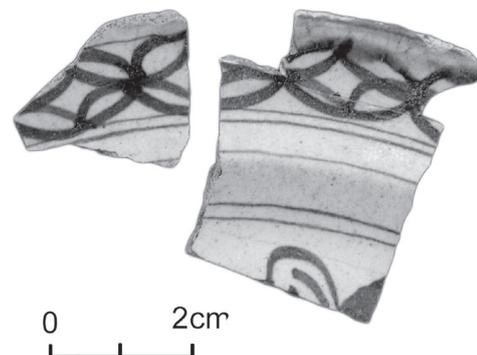
2.3 Faiança

O terceiro grupo mais numeroso é constituído por diversos fragmentos de faiança azul e branca e azul e vinoso, sugerindo uma cronologia do primeiro quartel a meados do século XVII.

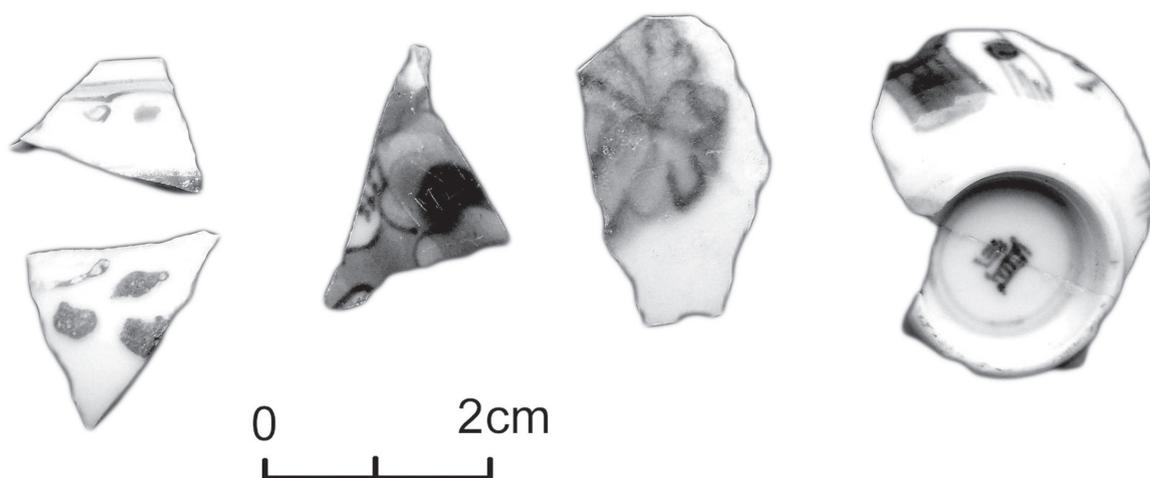
As formas são pouco diversificadas, predominando os pratos de diversos tamanhos, tigelas em escasso número, taças e um fragmento de bacio ligado indubitavelmente à higiene quotidiana do espaço (Leal e Ferreira, 2006-2007, p. 99). Devido ao elevado grau de fragmentação não foi possível aferir a existência concreta de objectos ligados a fins medicinais, como o sejam as mangas de farmácia. No entanto, os dois fragmentos de especieiro, que entre o espólio do mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra são classificados como cadinhos farmacêuticos (Leal e Ferreira, 2006-2007, p. 106), poderá levar a uma idêntica interpretação para os objectos em questão.



10. Bordo de bacio em faiança branca ("malagueira").



11. Bordo de pequeno prato de faiança holandesa.



12. Fragmentos de porcelana chinesa. À direita, pequeno copo usado provavelmente como cálice ministerial.

Curiosamente, apareceu parte do bordo de um pequeno prato de fabrico holandês, pintado a azul, cuja pasta difere da das restantes faianças e vem lançar novamente a questão da importação de faiança dos Países Baixos, no século XVII.

2.4 Porcelana

Os fragmentos de porcelana neste contexto são bastante residuais e só uma das peças permite a reconstrução quase total da sua forma. Trata-se de uma pequena taça azul e branca associada ao consumo de vinho de arroz, produzida provavelmente no final da dinastia Ming, ou já no chamado Período Transicional (meados do século XVII). Apresenta uma marca no fundo e está decorada com pequenas figuras de difícil interpretação. Devido ao seu pequeno tamanho, poderá ter servido como cálice para administrar fármacos.

Dos restantes fragmentos, em número de quatro, dois são de pintura azul com motivo incaracterístico e os restantes estão decorados com esmalte colorido, "rouge de fer" e dourado, podendo corresponder a taças com decoração da "família verde" do final do período Kangxi (1661-1722).

2.5 Cerâmica comum vidrada

Este tipo de cerâmica, é pouco abundante, tendo sido recuperados apenas 9 fragmentos, dos quais 3 são intrusões de contextos contíguos, constituídos por dois fragmentos de prato de vidrado melado com traços de manganês, dos inícios do século XVI, e um bordo de vidrado melado de época islâmica.

Os fragmentos remanescentes, são contemporâneos do resto dos materiais e apresentam as típicas pastas

locais castanhas, com abundância de feldspato. O vidrado é aplicado sobre engobe mais claro e é invariavelmente amarelo com escorridos verdes. Correspondem exclusivamente a pequenos potes de 2 asas junto ao colo e, mais uma vez, podem ter contido fármacos ou conservas (Leal e Ferreira, 2006-2007, p. 97).

2.6 Objectos de uso particular

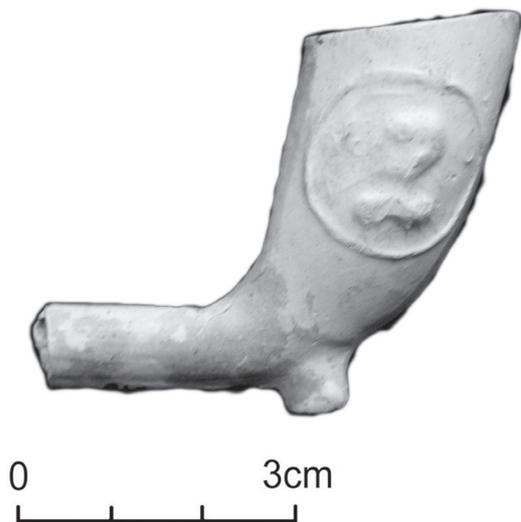
Nesta categoria incluem-se 5 peças muito específicas, de uso pessoal/particular: um pente, uma fornalha de cachimbo e três fragmentos de garrafa em grés.

O pente foi fabricado em marfim, com duas fiadas de dentes, distribuídos de forma muito apertada, o que sugere um vulgar pente de extrair piolhos, ainda frequente nos dias de hoje.



13. Pente em marfim.

No que se refere ao cachimbo, conservou-se a fornalha intacta, em caulino, que apresenta marca de fabrico que não foi possível identificar; consiste num pequeno busto envolvido por uma moldura circular, num dos lados da fornalha e não na base, como era usual. Deverá ser de produção inglesa/ holandesa ou, mais provavelmente, bávara (Mehler, 2009), do último quartel do século XVII.

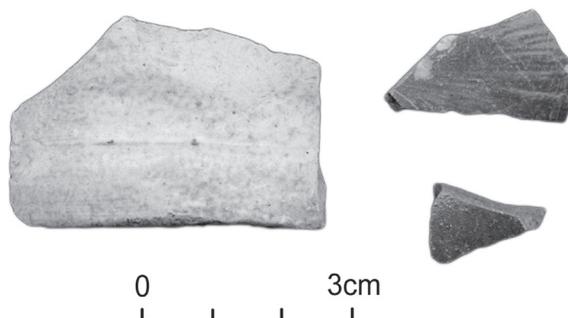


14. Fornalha de cachimbo de possível produção bávara.

Por fim, fechando o ciclo dos materiais do Paço dos Lobos da Gama, temos três fragmentos de garrafas tubulares em grés castanho, revestidas de vidro salino, produzidas na Alemanha ou Inglaterra destinadas, talvez, a conter essências.

CONCLUSÃO

Como pudemos ver, o contexto arqueológico do Paço dos Lobos da Gama é bastante limitado em termos es-



15. Fragmentos de garrafas de grés.

paciais e, não se encontrava preservado na sua totalidade e não revela de forma integral toda a realidade do imóvel. Convém ainda não esquecer de que se trata de uma acumulação proveniente do despejo de resíduos e dejectos do espaço habitacional propriamente dito, mas é a partir destes pequenos objectos que podemos reconstituir a intimidade quotidiana que escapa à história dos espaços palatinos da Modernidade.

Pela natureza e fragmentação dos materiais exumados neste esgoto, conclui-se que a sua maioria é resultado do descarte rápido e deliberado de objectos de uso estritamente pessoal, os quais não conviria conservar, esgotado o seu conteúdo, como o sejam contentores ou manipuladores de fármacos.

Por outro lado, objectos ligados à higiene, por exemplo os bacios, pentes, frascos de essências, contentores de fluidos corporais e dejectos, deveriam ser substituídos regularmente, pela sua rápida degradação ao uso, ou pela necessidade de não serem reutilizados devido ao tipo de matérias aí contidas.

A este propósito convém desfazer o mito da inexistência de lugares apropriados a despejo de dejectos em ambientes palacianos. Como é óbvio, pelo menos desde os finais da Idade Média que qualquer grande edifício civil ou religioso era dotado de latrinas e condutas de esgoto, vejam-se dois exemplos próximos a Évora: a Torre das Águias (início do século XVI - Brotas - Mora), cuja latrina se encontra no primeiro piso do imóvel ou, o mosteiro de N^{ra}. Sr^a. do Castelo das Covas de Monfurado (início do século XVIII - Escoural - Montemor-o-Novo) com uma bateria de latrinas no piso superior e com o sistema de esgoto perfeitamente conservado. Porém, na verdade, estes espaços servem para isso mesmo: para despejar os dejectos e os lixos pessoais, criados no interior das câmaras em privado e raramente para utilização directa.

Outra razão para deitar dentro do esgoto grande quantidade de determinados objectos, poderá estar relacionada ainda com hábitos de crítica e controle social. Determinadas práticas eram consideradas pouco virtuosas para a mentalidade da época, como o sejam o excessivo consumo de doces, o vício de fumar ou o uso e abuso de perfumes, tão depreciados na literatura moralizante do século XVII.

BIBLIOGRAFIA

FERREIRA, M. A. (2004) – Espólio vítreo da estação arqueológica do Mosteiro de Sta. Clara-a-Velha de Coimbra: resultados preliminares. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7: 2, p. 541-583.

FERREIRA, M. A. (2005) – O uso de vidraria em *Sellium* e em Tomar: as descobertas arqueológicas recentes em relação com a História do Vidro. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8: 1, p. 387-431.

LEAL, C. e FERREIRA, M. A. (2006-2007) – Cuidados de higiene e saúde em uma comunidade monástica do século XVII: o caso do mosteiro de Santa Clara a Velha de Coimbra. *Portugália*. Porto. 2.ª série. XXVII – XXVIII, p. 89-118.

MEHLER, N. (2009) – The archaeology of mercantilism: clay tobacco pipes in Bavaria and their contribution to an economic system. *Post-Medieval Archaeology*. s.l. 43: 2, p. 261-281.

REGO, M. e MACIAS, S. (1993) – Cerâmicas do século XVII do convento de Sta. Clara (Moura). *Arqueologia Medieval*. Porto. 3, p. 147-159.